

VOZES EM DEFESA DA FÉ

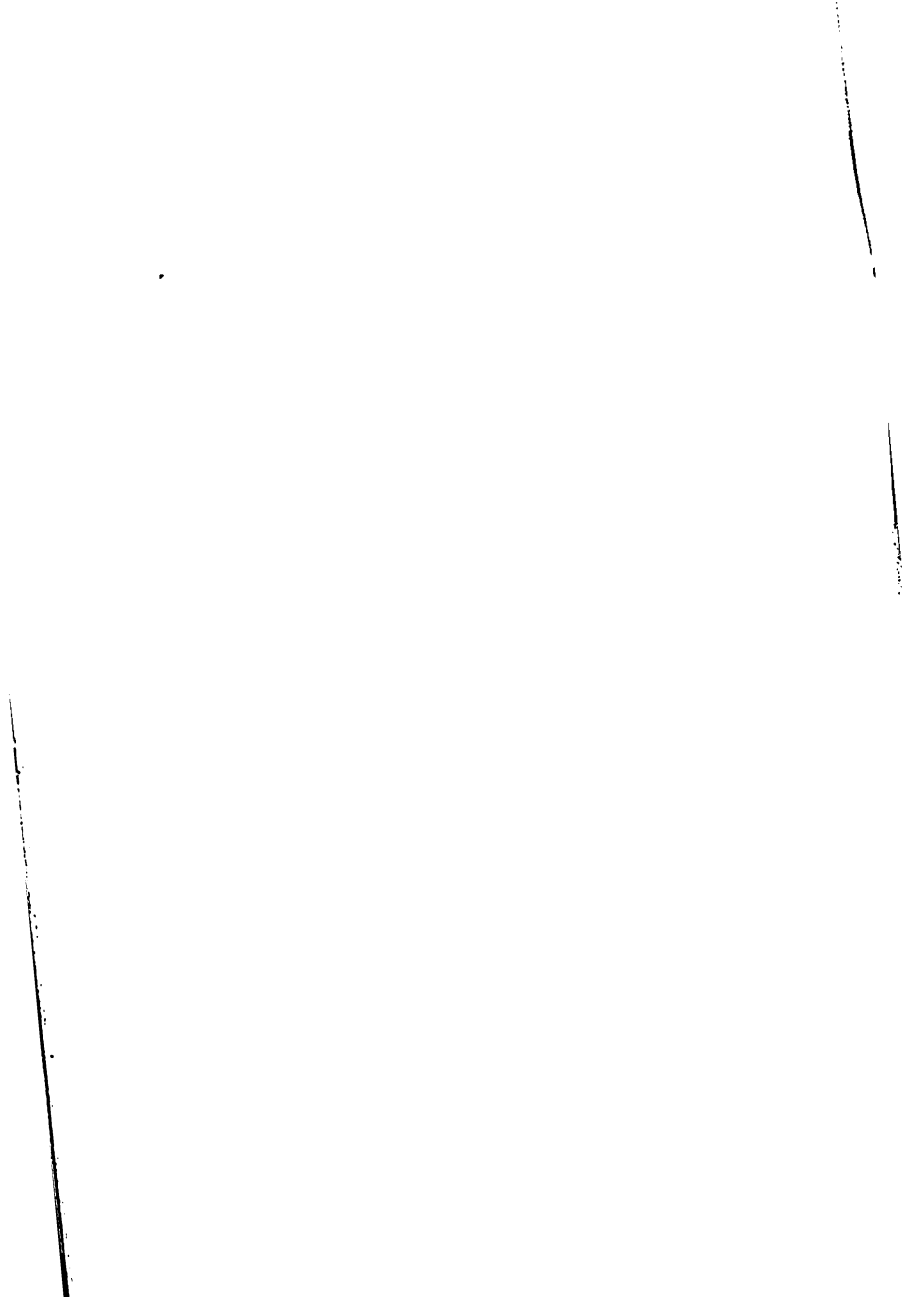
CADERNO

20

**O EXÉRCITO
DE SALVAÇÃO**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

O EXÉRCITO DE SALVAÇÃO



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 20

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

O EXÉRCITO DE SALVAÇÃO

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TROPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETROPOLIS, 6-IV-1959.

Título do original inglês: The Salvation Army
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

O EXÉRCITO DE SALVAÇÃO

O Exército de Salvação pode ser definido como uma organização internacional religiosa e filantrópica, fundada por William Booth em 1878 para o fim primário de levar o Sangue de Cristo e de difundir o Fogo do Espírito Santo nas mais remotas partes da terra.

Quem firmemente crê que Cristo pessoalmente estabeleceu a sua própria Igreja, prometendo-lhe perpetuidade e a proteção do Espírito Santo até o fim dos tempos, lê esta definição com não pouca admiração. Não pode deixar de se perguntar por que razão outra organização deveria ser fundada, quase nos nossos tempos, para desempenhar precisamente a mesma missão que Cristo confiou à Igreja por êle mesmo instituída.

Para entender como foi que isto sucedeu, devemos lançar uma breve vista de olhos à história da vida de William Booth, que, com a melhor das intenções, tomou a seu cargo presentear o mundo com o Exército de Salvação. Trata-se de uma história notável e fascinante.

WILLIAM BOOTH

William Booth nasceu em Nottingham, Inglaterra, a 10 de abril de 1829, e foi batizado na Igreja da Inglaterra um dia ou dois depois. Esta parece ter sido toda a extensão da sua associação com a Igreja An-

glicana. Quanto à Igreja Católica, esta não representava papel de espécie alguma no mundo em que ele foi criado.

Aos quinze anos de idade, tendo experimentado uma "conversão religiosa" e decidido que "Deus terá de William Booth tudo o que há", ligou-se aos Metodistas Wesleyanos e foi consumido do desejo de se fazer pregador "revivalista", levando similar experiência de conversão às vidas de outros.

A sua infância foi de extrema pobreza. Aos doze anos de idade foi pôsto como aprendiz junto a um penhorista em Nottingham; e ali, nos sete anos seguintes, pôs-se em contacto com a miséria abjeta dos que procuravam empréstimos para superarem períodos de terrível penúria. Ele aborrecia aquêlê trabalho, e encheu-se de uma oprimente determinação de trabalhar pela reabilitação espiritual e temporal das massas pobres e desfavorecidas.

Mesmo como auxiliar de penhorista, mômço como era, fêz-se pregador Metodista leigo, impressionando profundamente os que o ouviam, pela sua fé, ardor e energia. Pregava um simples evangelho de salvação pela fé, exigindo conversão de vida juntamente com uma decisão definitiva em favor de Cristo. Nunca, em tempo algum, adquiriu a instrução e a cultura de um John Wesley; mas, se tinha pouco saber, tinha um zêlo consumidor, e naqueles primeiros sermões seguia, como melhor se podia esperar de um rapaz nos seus apuros, as linhas tradicionais do "revivalismo" Metodista. Em tempo algum pretendeu ter recebido quaisquer revelações especiais e excêntricas tais como as proclamadas pelos seus contemporâneos americanos Joseph Smith, com o seu "Livro do Mormon", ou Mary Baker Eddy, fundadora da "Ciência Cristã", ou Ellen G. White, fundadora dos Adventistas do

Sétimo Dia. E, entre outras coisas, deve isto ser levado a seu crédito.

Em 1849, aos dezenove anos, deixou Nottingham com destino a Londres, com apenas alguns chelins no bôlso. Ali novamente obteve colocação junto a um penhorista, a única ocupação de que tinha alguma experiência, e dedicou todo o seu tempo livre à pregação exterior, não raro enfrentando hostilidade e ridículo. Porém Booth era simplesmente um bravo homem.

EVANGELISTA METODISTA

Em abril de 1852, realizou a sua grande ambição, tornando-se evangelista efetivo na seita dos "Reformadores Metodistas", com o salário principesco de uma libra por semana. Ele só pedira doze chelins e seis pences! Mas, ao cabo de dezoito meses, cansou-se dos "Reformadores", e aderiu à "Nova Liga Metodista".

A nova seita decidiu que ele deveria preparar-se para o ministério, e ele iniciou um curso de estudos em Camberwell. Mas dentro em doze meses, a 16 de junho de 1855, casou-se com Catarina Mumford, por sua vez uma oradora de primeira classe, e abandonou qualquer preparo formal. Em vez disso, ele e Catarina imediatamente começaram a dedicar-se a campanhas "revivalistas", adotando métodos que de modo algum eram aprovados em tôda parte.

A sua publicidade prévia nesse tempo foi para chamar fortemente a atenção do povo, sendo a chegada deles apregoada por anúncios e cartazes como êste:

" O SR. E A SRA. BOOTH EM WALSALL.

Um Comício Campal Monstro terá lugar num campo perto de Halberton Lake no Sábado 28 de junho. Serão feitos discursos pelos Revs. William Booth, Thomas Whitehouse e muitos Ministros da vizinhança;

e também por convertidos pugilistas, cavaleiros, caçadores e outros, vindos de Birmingham, Liverpool e Nottingham.

A Sra. Booth pregará na Capela de Whetemers Street às seis horas da tarde.

Os serviços começarão às 9 da manhã".

Em 1858, William Booth foi formalmente ordenado Ministro Metodista na Nova Liga; mas, ao cabo de três anos, deixou essa corporação, declarando serem os caminhos dela ao mesmo tempo muito estreitos e muito restritivos para êle. Êle e Catarina dedicaram-se então a evangelismo livre, viajando por tôda a Inglaterra e trabalhando para quaisquer Igrejas não-conformistas que os aceitassem. Todavia, cada vez mais achavam demasiado enfadonhas as condições a êles impostas por qualquer das Igrejas, e deram-se a promover as suas próprias reuniões de reavivamento em edifícios públicos.

Em 1865, os Booths fixaram-se no Este de Londres e decidiram trabalhar em favor dos habitantes mais pobres e mais degradados das favelas do Extremo Este. Desafiaram as tradições eclesiásticas, pregando nas esquinas das ruas e, para ainda maior desgosto dos ortodoxos, promoviam comícios religiosos às próprias portas das casas públicas ou tavernas.

A princípio não tiveram idéia de fundar uma seita nova e separada, mas aconselhavam os seus convertidos a freqüentarem qualquer Igreja que lhes aproovesse. Contudo, os bebedores, jogadores, ladrões e prostitutas convertidos ou recusavam ir a qualquer Igreja, ou lhes era mostrado que não seriam bem recebidos se o fizessem. William Booth estabeleceu a "Missão Cristã do Este de Londres", organizando-a sob a direção de uma "Conferência" sôbre linhas Metodistas, com êle mesmo como "Superintendente Ge-

ral". Este título foi abreviado para "General", embora ainda sem qualquer significado "militar". Em 1877, o governo da "Conferência" foi abolido, e o General Booth assumiu o pleno e exclusivo comando da "Missão Cristã".

FUNDAÇÃO DO "EXÉRCITO DE SALVAÇÃO"

No ano seguinte, 1878, reuniu um "Congresso de Guerra", no qual ele e os seus sectários adotaram o nome de "Exército de Salvação", com o fim de levar "o Sangue de Cristo e o Fogo do Espírito Santo a todas as partes do mundo".

A nova organização era moldada no Exército Britânico. Os edifícios públicos deviam ser chamados "Cidadelas"; os convertidos eram "recrutas"; os adestrados, "cadetes", depois "oficiais". Havia "tenentes", "capitães", "maiores", e "comissários", todos sob o "Comandante-em-Chefe" ou "General", o próprio William Booth.

Empreendimentos evangelísticos eram descritos como "campanhas". Um uniforme foi inventado, foi imposto um código doutrinário, e os métodos característicos do "Exército" foram desenvolvidos. Devia haver ao ar livre reuniões e procissões, com o uso de charangas, tamborins e címbalos, para atrair as turbas. Temas religiosos deviam ser adaptados a todas as cantos populares. A queixa de Rowland Hill: "Por que há de ter o Diabo todas as boas toadas?" certamente exprimia o pensamento do General Booth! A pregação devia ser informal e coloquial, bem ao nível das massas afastadas da igreja; e a maior importância era ligada a públicos testemunhos da parte dos convertidos, como testemunhas que estes deviam ser para Cristo, e como inspiração para outros

pecadores na turba. Contactos pessoais também deviam ser promovidos por um meio de visitas às prisões, salões, teatros, fábricas e outros lugares incommuns.

As primeiras campanhas do Exército de Salvação encontraram violenta oposição. Moleques interrompiam-lhe as reuniões, assaltando brutalmente tanto homens como mulheres membros da seita. Os próprios "Soldados" do General Booth eram detidos pela polícia, e multados ou presos como perturbadores da paz.

Mas o Exército expandiu-se rapidamente, a despeito da perseguição, e dentro em dez anos as desordens haviam desaparecido, granjeando a obra de bem-estar social imensa popularidade para a organização, inclusive o patrocínio do Príncipe de Gales, mais tarde Rei Eduardo VII, para cuja coroação o General Booth foi oficialmente convidado.

CONDIÇÕES DE ASSOCIAÇÃO

O objeto primário do Exército de Salvação é converter os pecadores a Cristo, e não necessariamente ganhar novos membros por si mesmos. Os pecadores são concitados a arrepender-se, e ou a reassumirem a prática da religião que já professam, se alguma, ou então a se alistarem para serviço ativo no "Exército".

Mas as condições para alistamento no "Exército" são tão exigentes, que muitos, senão a maioria, dos convertidos preferem voltar às suas próprias Igrejas, antes que vestir o uniforme. Não o vestindo, devem freqüentar as reuniões do Exército de Salvação aos domingos para culto, mas como meros "aderentes", e não como "membros". O Exército de Salvação não considera êsses aderentes inativos e nominais como

“soldados alistados”, por mais virtuosas que sejam as suas vidas depois da sua conversão.

Para alguém se tornar “Soldado” reconhecido, e ser autorizado a usar o uniforme do Exército, deve primeiramente provar a sua fé, a sinceridade da sua conversão, e a sua boa vontade para dedicar à obra do Exército todo o tempo livre, energia, dinheiro e influência. Se aceito, após a devida prova deve assinar um documento intitulado “Artigos de Guerra”, professando as doutrinas básicas da organização, prometendo renunciar para sempre a toda bebida intoxicante e ao mundanismo sob todas as suas formas, e visar sempre aos mais altos padrões de cada virtude cívica e religiosa. É um programa formidável; e, sem dúvida, o Exército poderia triplicar o seu corpo associativo se aceitasse adesão passiva, não fazendo essas pesadas exigências sobre o tempo e as vidas daqueles que realmente se alistam nas suas fileiras.

O chefe de cada “Corpo”, equivalente este à unidade paroquial das Igrejas comuns, é um “Oficial” comissionado, que recebe modestíssimo salário semanal e está inteiramente sob a autoridade do Exército em serviço integral. O Soldado que deseja tornar-se Oficial é adestrado por nove meses numa “Guarnição de Exército”, estudando a Bíblia, as doutrinas e a disciplina do Exército, primeiros socorros para obra social, contabilidade e uma variedade de outros e menores assuntos.

Um dos princípios fundamentais do Exército é a absoluta igualdade das mulheres com os homens em privilégio, posição e dignidade. Isto provavelmente foi devido à influência de Catarina Booth, que trabalhou lado a lado com o marido, e dirigia por sua própria conta reuniões de reavivamento, com esplêndida oratória e invulgar êxito. Seja lá como fôr, não há pôsto

no Exército que não seja tão acessível aos homens como às mulheres; e em 1934 o mais alto ofício de todos, o de General, foi confiado a Evangelina Booth, filha do fundador, em sucessão ao General Higgins. Mas o processo constitucional sofrera por essa época uma grande mudança.

CARÁTER DE WILLIAM BOOTH

Devemos fazer pausa aqui por alguns momentos, para dedicarmos alguns breves pensamentos ao caráter de William Booth.

Já vimos como êle se enfadara do "institucionalismo" eclesiástico, achando impossível, desde o começo da sua carreira como evangelista, trabalhar sob as ordens e de acôrdo com as diretrizes de outros. Êle era um profundo individualista, embora explicasse o seu espírito de independência dizendo que apenas precisava de liberdade para fazer a vontade de Deus como guiado pela oração. Certamente poderíamos ser perdoados por adotar outra interpretação, e sugerir que a sua personalidade dominante fazia questão de ter livre o seu próprio caminho, sendo a sua vontade, para êle, a "vontade de Deus".

Logo, porém, êle descobriu que pouco progresso podia fazer sem uma organização qualquer que fôsse; por isto, êle, que não podia acomodar-se dentro de qualquer comunidade religiosa, criou uma sua. Aconteceu o inevitável. Um individualista com poder tornou-se logo um autocrata; e o Exército de Booth, enquanto êste viveu, foi nada menos do que uma ditadura religiosa absoluta.

O efeito disso sôbre o seu próprio caráter não pode ser negado. Lord Acton disse que "todo poder corrompe". Até certo ponto isto foi verdade no caso de

William Booth. A humildade do jovem auxiliar de penhorista não foi razão contra o êxito; e, à medida que a fama fez o seu caminho, êle se tornou orgulhoso, arrogante e intolerante; rude e inconsiderado para com os que o cercavam. Deliciava-se de ser hóspede da gente rica; e cartas prévias informariam os seus hospedeiros e hospedeiras das exigências do "General", como no caso da Família Real quando em visita ao estrangeiro!

Mas não se pode dizer que êle tenha jamais perdido a sua intensa convicção religiosa, a sua paixão pela conversão dos homens, e a sua persuasão de que a escória pode ser restaurada para a sociedade se ao menos se lhe fizer sentir que se precisa dela, e que a sociedade deve cuidar do seu destino. Nem ninguém pode acusar o General Booth de não haver trabalhado duramente à luz dêsses ideais, até bem o fim dos seus dias, em 1912.

Não foi um membro do Exército de Salvação, e sim um Bispo Anglicano, Hensley Henson, de Durham, quem escreveu o seguinte sôbre êle após a sua morte:

"Depois de fazermos a devida concessão às sombras na sua carreira, nenhum homem justo discutirá a sua grandeza essencial. Visto globalmente, a vida de William Booth revelou um caráter extraordinário que dá ao seu possuidor um lugar seguro entre os benfeitores da humanidade. A sua coragem, persistência, resistência e dedicação pessoal à sua causa assinala-o como pertencendo ao tipo heróico. Se êle não pode ser enumerado com os Santos, ninguém pode discutir o seu direito a um lugar entre os Mártires. Teve muitas faltas; cometeu muitos desatinos; não era nem cavalheiresco nem consistente; mas o seu amor apaixonado pelas almas, o qual foi o motivo dominante da sua vida desde a adolescência até à velhice, era desinteressado e sin-

cero; e na sua cruzada redentora êle nunca desistiu ante a oposição. O relato dos seus labôres quase excede a crença, e, quando fôr lembrado que durante tôda a sua vida êle foi estorvado pela doença e por angústia financeira, êsse relato torna-se quase sublime" ("Retrospect of an Unimportant Life", vol. I, p. 41).

OBEDIÊNCIA ABSOLUTA

Fica, entretanto, de pé que Booth era um autocrata, e dentro do Exército o seu mando era absoluto. Êle não suportaria crítica, mesmo sem qualquer coisa que cheirasse a oposição. E dispôs por ato simples, em 1878, que cada General deveria ser autorizado a indicar sigilosamente o seu sucessor, ficando o nome para ser divulgado ao tempo da sucessão.

Foi dito que essa supremacia incondicional podia resultar bastante bem enquanto Mr. Booth vivesse e fôsse apto para os seus deveres, mas que a história dava pouca esperança de resultar ela igualmente bem após a morte dêle. Em matéria de fato, ela não foi totalmente bem sucedida nem mesmo durante a vida de Booth, e em 1896 seu próprio filho, Ballington Booth, separou-se do Exército nos E.U.A., fundando os semimilitares e democraticamente dirigidos "Voluntários da América", que se empenham em obra similar e hoje contém 500 unidades de serviço com mais de 30.000 membros. Esta defecção teve repercussões no Exército de salvação, e em 1904 um segundo ato simples proveu à remoção de um General e eleição de um sucessor por um Alto Conselho, no caso de vir um General a revelar incapacidade mental ou outra inaptidão.

William Booth morreu em 1912, e sucedeu-lhe seu filho mais velho, William Bramwell Booth. Êste tinha sido desde o começo Chefe do Estado-Maior, e ma-

nifestara grande capacidade de organização. Tendo assumido o ofício aos 26 anos de idade, deu sinais de declínio dezessete anos depois, e, em 1929, o Alto Conselho votou a sua remoção. Bramwell Booth apelou para os tribunais; mas os tribunais só fizeram foi ordenar a reconsideração do caso pelo Alto Conselho. A votação resultante foi a mesma, e a 13 de fevereiro de 1929 Bramwell Booth foi deposto e Edward J. Higgins eleito em seu lugar.

O novo General prometeu que, ao passo que os objetivos do Exército de Salvação continuariam a ser os mesmos, certas mudanças constitucionais seriam feitas, porque “métodos convenientes em 1878 eram inadequados para condições reinantes em 1929”. Desde então o Generalato tem sido eletivo, não tendo o General que sai nenhum direito de nomeação quanto ao seu sucessor.

Sem embargo, todo aquê que é General ainda conserva autoridade absoluta, embora seja assistido pelo seu Chefe de Estado-Maior, pelo Secretário para o Estrangeiro, pelo Chanceler e por outros Consultores. De tôdas as categorias se requer obediência indiscutível. Por isto, o Comissário Donald McMillan escreve: “Unidade de pensamento, de método e de propósito é um característico saliente do Exército de Salvação no mundo inteiro... e é largamente devida ao elemento de disciplina militar como fôrça controladora num plano de organização e administração engenhosamente traçado” (“Religion in the 20th Century”, Philosophical Library, N. Y., 1948, p. 344).

Pelos “Artigos de Guerra”, cada Soldado deve declarar: “Obedecerei sempre às ordens legais dos meus Oficiais, e executarei até o extremo das minhas fôrças tôdas as Ordens e Regulamentos do Exército”. Sobre tudo disciplina e lealdade são exigidas de todo

Oficial, o qual, antes da sua nomeação, deve submeter-se a um exame cabal de mais de oito questões.

ZÊLO RELIGIOSO

Das boas intenções, do fervor e da dedicação que animam os membros do Exército de Salvação seria impossível falar demasiado alto.

Em todos os tempos, a finalidade espiritual tem sido suprema — conduzir almas ao arrependimento dos seus pecados e novamente ao amor e amizade de Deus através de Cristo. Serviços sociais humanitários não faziam parte do plano original do fundador. As suas intenções eram exclusivamente evangélicas, levar o Evangelho, como êle o concebia, aos que não o procurariam nas Igrejas; ir aos caminhos reais e aos atalhos pregando aos cegos espirituais, aos errantes e aos pobres destituídos.

Nas suas vidas pessoais, os membros se caracterizam por um intenso zêlo e fervor. O Exército é essencialmente um movimento de "Santidade". O uniforme simboliza a principal condição da soldadesca; conversão do pecado de qualquer espécie, separação do mundo e consagração a Deus. O mais alto padrão de conduta é exigido em cada departamento da vida. Todos os Salvacionistas devem ser totais abstêmios de bebida alcoólica, enquanto que os que detêm qualquer espécie de função não devem fumar. Orientação definida é dada para todos nas "Ordens e Regulamentos". Os oficiais devem contentar-se com uma relativa pobreza, não proporcionando os seus salários mais do que o suficiente para as necessidades mais simples. Há muitos Salvacionistas decaídos que acharam as normas severas demais; porém os que perseveraram e ainda usam o uniforme têm profundo sen-

so de vocação, à qual constantemente se esforçam por ser fiéis.

Devotamento é a nota saliente do Exército, porquanto êle inculca como dever supremo o sacrifício próprio pela salvação dos outros. As crianças são "consagradas" para que venham a ser Soldados na "Guerra". Os oficiais comprometem-se a pelo menos nove horas de serviço por dia. O trabalho é sempre um trabalho de evangelismo agressivo, ganhando almas por várias formas de serviço, visitando de porta em porta, orando em lares, e vendendo o jornal do Exército, "O Grito de Guerra", nas ruas e até mesmo nos bares ou tavernas.

REAVIVAMENTO ARDENTE

Cada Corpo deve manter um número "padrão" de reuniões semanais, muitas das quais precedidas por comícios ao ar livre destinados a levar o Evangelho aos que dêle necessitam, onde êles estão. Depois desses comícios, sob a "Bandeira de Sangue e Fogo" do Exército, a aglomeração de canto de rua é convidada a juntar-se à marcha para a Cidadela ou Sede do Exército de Salvação, onde é continuado o serviço de pregação, hinos e oração, segundo as linhas da tradição Metodista a que Booth se acostumara nos primeiros anos seguintes à sua conversão.

Cada Corpo espera-se que forme uma charanga para abrilhantar os serviços. A pregação, como vimos, deve ser prática e direta, sendo o tema o de uma singela piedade evangélica, insistindo na busca de salvação do pecado pelo poder de Deus, mediante fé em Cristo e recurso ao seu Precioso Sangue.

Às vêzes, mais freqüentemente no comêço, embora raramente nos anos posteriores, succedeu os oradores atacarem as Igrejas, e sobretudo a Igreja Católica, a

qual muitos pretensos pescadores-de-homens, simples, ignorantes, embora zelosos, laborando em entranhado preconceito protestante contra o Papado, consideravam quase como se fôsse o "Anticristo".

O próprio General Booth, contudo, profligou fortemente isso, e certamente não se pode dizer que êle tenha deixado qualquer legado de carolice ao seu Exército de Salvação. Em matéria de fato, muito tempo antes de o Exército tornar-se geralmente estimado, Booth achou um dos seus mais fortes simpatizantes no Cardeal Manning, o Arcebispo Católico de Westminster. Quando, em 1890, o General publicou o seu livro "In Darkest England and the Way Out", o Cardeal comentara: "Quem o proibirá? Se as ovelhas se perdem, é culpa do pastor". Êle pôde apreciar o zêlo do General Booth, cujo "slogan", "Vá em busca de almas, e vá para o pior", era um desafio ao cristianismo organizado em tôdas as suas formas; e êle escreveu ao General, a 30 de outubro de 1890: "O Sr. desceu às profundezas. Cada alma viva custa o Preciosíssimo Sangue, e devemos salvá-la, até mesmo a mais vil e a pior. Depois das misérias de Trafalgar Square, escrevi um "Apêlo em pró dos ínfimos", o qual provavelmente o Sr. nunca viu. Êle mostraria como o meu coração está inteiramente no seu livro. Sem dúvida o Sr. se lembra de que as Leis dos Pobres da Rainha Isabel forçaram as paróquias a proporcionar trabalho para os capazes desempregados, e a armazenar quantidade de matéria-prima para obra".

Os dois homens encontraram-se em 1890, sem que de modo algum a brecha religiosa entre o extremo Protestantismo do General e o Catolicismo do Cardeal diminuísse o grande laço de simpatia que os unia no zêlo pelas almas e em tudo o que dizia respeito à obra de bem-estar social.

OS SERVIÇOS SOCIAIS DO EXÉRCITO

A obra de bem-estar social do Exército de Salvação granjeou realmente a admiração do mundo inteiro. Até mesmo os que não aprovam as idéias religiosas de Booth apreciam tão altamente as atividades filantrópicas do Exército, que contribuem para elas.

No comêço o General Booth só cogitou da salvação das almas. Mas logo percebeu que a pregação de rua não era bastante para atingir o mal-alimentado, mal-vestido, e mal-alojado "décimo submerso" da população. Palavras sôzinhas não eram o bastante. Era necessário reabilitar socialmente aquela pobre gente. Em todo caso, êle tinha profunda pena da gente pobre e intensa simpatia pelos que aturavam qualquer espécie de sofrimento, e verdadeiro ódio da sujeira e da porcaria. E, para êle, nenhum homem estava fora de salvação.

Por isto êle se aventurou à obra social para se ajudar no seu apostolado evangélico, proporcionando abrigos noturnos para os sem-teto, refeições grátis e roupa, etc. para os sem-vintém, logo verificando que isto se relacionava muito com a boa vontade dêles para escutar a sua mensagem de salvação. Os seus novos métodos naturalmente acarretaram crítica e ridículo. Êle ficou conhecido como o "Pregador de Sabão, Sopa e Salvação". Mas, fôsse lá o que fôsse que pudessem dizer da sua teologia, a sua psicologia era sã; e êle perseverou corajosamente no seu programa social.

Foi o livro de H. M. Stanley "In Darkest Africa", "Na África mais sombria", que inspirou Booth, com a assistência de W. T. Stead, a escrever um livro paralelo, "In Darkest England and the Way Out". Êsse livro era uma crua exposição dos males sociais existentes na própria Inglaterra. Êle propunha remediar o

pauperismo e o vício mediante dez expedientes: 1) Colônias-Cidade; 2) Colônias-Fazendas na Inglaterra; 3) Colônias Ultramarinas no Canadá, Austrália e África do Sul; 4) Brigadas de Salvamento domésticas; 5) Reformatórios para Mulheres Decaídas; 6) Campanhas para a Reforma dos Ébrios; 7) Brigadas para as prisões; 8) Banco do Pobre; 9) Advogado dos Pobres; 10) Casa de Convalescença chamada "White-chapel-by-the-Sea".

Para executar os seus planos, êle apelou ousadamente para o público a fim de obter um milhão de libras, e não tardou a ter mais de 100.000 libras em mão, com as quais fez um enérgico começo da obra. Acusado de trapaceiro, aceitou prazerosamente uma devassa pública nos seus negócios, havendo-o exculpado completamente a comissão nomeada. Nem um só penny fôra desviado dos fins para os quais fôra pôsto no seu bôlso. O respeito substituiu a crítica e o ridículo, e ao apoio simpático do Cardeal Manning juntou-se, como já vimos, o estímulo ativo do Príncipe de Gales, mais tarde Rei Eduardo VII.

Hoje o Exército de Salvação mantém um extenso sistema de obras de caridade, berçários, hospedarias para jovens, casas para velhos, orfanatos, estabelecimentos e centros sociais de tôda sorte. Durante as duas Guerras Mundiais êle proporcionou auxílio recreativo, de bem-estar e religioso aos soldados em atividade nas diversas frentes, e confortos para as suas famílias em casa.

Para muitos estas atividades sociais constituem o principal título de honra para o Exército. Êles o vêem primeiramente como uma organização humanitária, antes que como uma corporação religiosa. Mas o próprio General Booth certamente nunca pensou dêsse modo, nem o fazem os seus discípulos. O Exército considera-

se primeiramente e antes de tudo uma organização evangélica, não passando os seus serviços sociais de uma expressão humana da religião de Cristo, pondo em prática os preceitos d'ele e preparando o caminho para a conversão das almas pela reabilitação dos deserdados mediante tôda a possível assistência temporal.

O CREDO DO EXÉRCITO

Devemo-nos agora volver para a vitalíssima questão das doutrinas que os membros do Exército de Salvação devem professar e crer.

Os ensinamentos que o General Booth prescreveu para o seu Exército foram os únicos que êle conhecia, os do Metodismo. Não sendo nem um sábio nem um teólogo, êle simplesmente tomou como concedidos êsses ensinamentos, pouco interessado na verificação dêles.

Recordemos a história. Êle fôra batizado na Igreja da Inglaterra, mas realmente não conhecia nada do Anglicanismo. Desde o tempo da sua conversão, aos quinze anos de idade, estivera associado aos Metodistas; e, com um preparo lastimavelmente deficiente assumira o papel de evangelista, atento só a salvar almas. Em sentido algum poder-se-ia atribuir-lhe erudição de qualquer espécie. Êle não gostava de livros e não tinha senso de história. Apenas se achou, por assim dizer, ardendo de fervor religioso e crendo absolutamente na Versão Autorizada da Bíblia. A Bíblia êle a tomou no seu valor nominal, entendendo-a pelo modo protestante literal e fundamentalista, indiferente a tôdas as regras científicas de interpretação e às descobertas da crítica erudita. Êle não podia compreender que valor as línguas Hebraica, Grega e Latina tinham sôbre a pregação do Evangelho de Cristo.

E nem estava interessado em que outros que viessem após êle atingissem uma erudição e instrução que nunca fôra a sua. A sua idéia para o preparo de Oficiais era que lhes fôsse dado sòmente aquêlê grau de conhecimento prático absolutamente essencial para a sua obra evangelizadora, sem lhes sobrecarregar as mentes com uma erudição que êle pensava não ter nenhuma influência direta sôbre o apostolado, e que até poderia criar uma barreira de separação entre êles e a gente mal-educada que êles deviam atingir.

Especulações teológicas são de pouco interêsse ou importância para o Salvacionista, que deve sentir-se mais à vontade cantando com alegre fervor:

“Não temos outro argumento;
E nem outra alegação;
Basta Jesus ter morrido,
Pela nossa salvação”.

Todavia, alguns ensinamentos definidos devia haver, e no “Ato de Fundação” de 1878, o General Booth impôs aos seus sectários onze doutrinas cardeais do Protestantismo evangélico, as quais podem ser brevemente enunciadas como segue:

- 1) A Bíblia é a Palavra de Deus inspirada e a única Regra de Fé divinamente dada.
- 2) Há um só Deus, Criador de tôdas as coisas.
- 3) Há três Pessoas iguais na indivisa Divindade.
- 4) Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.
- 5) Pela queda dos nossos primeiros pais todos os homens se tornam “pecadores totalmente depravados e justamente expostos à ira de Deus”.
- 6) Pelos seus padecimentos e morte Jesus Cristo expiou por todos, de modo que todo aquêlê que o quiser pode ser salvo.

- 7) A salvação é pelo arrependimento, pela fé em Cristo e pela regeneração operada pelo Espírito Santo.
- 8) A justificação é pela graça mediante a fé em Cristo, tendo aquêle que crê o testemunho dela em si mesmo.
- 9) A continuação no estado de salvação depende da continua fé obediente em Cristo.
- 10) E' privilégio de todos os crentes o serem "totalmente santificados", isto é, o terem as suas más inclinações tão completamente tiradas pelo Espírito de Deus, que não serão cometidos pecados atuais de qualquer espécie.
- 11) A imortalidade da alma, a ressurreição do corpo, o juízo geral no fim do mundo, com eterna felicidade para os justos e castigo sem fim para os maus devem ser inequivocamente sustentados.

AUTORIDADE DOCENTE INFALÍVEL

Êsses onze "Artigos de Fé" básicos são impostos autoritariamente pelo Exército de Salvação aos seus membros como condição para permanecerem seus membros. Por isto o "Handbook of Doctrine" (Manual de Doutrina) publicado pelo "Quartel-General Internacional" (1955), é prefaciado pela seguinte: "Ordem Geral": "Dos Funcionários de tôdas as categorias se requer que o seu ensino, em público e em particular, se conforme às nossas Doutrinas como aqui expostas". Depois, os "Artigos de Guerra" a serem assinados por cada Soldado contêm a declaração: "Estou profundamente convencido da verdade do ensino do Exército".

Já que foi o próprio General Booth quem prescreveu o que devia ser o ensino do Exército, isto só pode significar que os membros dêste concordam em ter as

suas crenças ditadas por êle. Essa aceitação cega e irrefletida das idéias religiosas do General moveram o Professor T. H. Huxley, um agnóstico, a protestar nestes têrmos: "A prostituição e a intemperança são males dolorosos, e a inanição é dura de suportar; mas a prostituição da mente, a corrupção da consciência, o nanismo da humanidade são calamidades piores... tôdas à mercê de um déspota cujo pensamento principal é fazer prevalecer o fanatismo".

Huxley era um racionalista, mas não era desumano. Pôde apreciar os devotados esforços do General Booth para remediar os males sociais. Ao mesmo tempo, como um incrédulo, tinha prevenção contra religião de qualquer espécie; e foi essa prevenção contra religião de qualquer espécie; e foi essa prevenção que inspirou as suas referências a despotismo e fanatismo da parte do General. Podemos recusar estas, consequentemente. Mas a sua acusação de degradação da razão e da inteligência deve ser apoiada, a não ser que uma sólida e racional justificação possa ser produzida para aceitação da infalível autoridade docente do "Exército" como uma corporação, e do próprio General que prescreveu essas doutrinas. Não há escapatória para esta dificuldade. Os membros devem professar absoluta fé na "verdade do ensino do Exército". Dizer: "Creio isto ou aquilo porque o Exército de Salvação assim crê e ensina" pressupõe um ato de fé na infalibilidade do próprio Exército de Salvação.

Num livrinho intitulado "The Faith of a Salvationist" "A Fé de um Salvacionista", p. 18, Alfred J. Gilliard procura uma saída para isso, dizendo:

"Essas doutrinas básicas são aceitas sem especulação teológica. As grandes afirmações da verdade cristã formam o credo do Salvacionista... As verdades que êle ensinou são por si mesmas evidentes".

Mas evidentes por si mesmas é justamente o que elas não são. Algumas das declarações oficiais são definidamente falsas, como veremos. As que sucede serem verdadeiras são mistérios revelados da religião, a serem aceitos sôbre a autoridade de Cristo e da sua Igreja por um ato de fé, e não por poder a nossa razão natural perceber serem elas verdadeiras por evidência própria.

O ponto crucial para a razão situa-se no problema de saber se há alguma justificação racional para a absoluta confiança na autoridade divina de Cristo e da sua Igreja. Há. Mas não há nenhuma para a aceitação da autoridade divina do Exército de Salvação.

DOUTRINAS ORTODOXAS

Dos onze artigos de fé contidos na proclamação "Ato de Fundação", o segundo, o terceiro, o quarto, o sexto e o undécimo contêm aquilo que sem dúvida é a verdade conforme contida no Novo Testamento, e aquilo que sempre foi o ensino constante e autoritário da religião cristã através de todos os tempos.

E, na verdade, é bom depararmos com uma evidência de lealdade a Cristo como a que se contém na carta-circular de 1925, do General Bramwell Booth, dirigida a cada Oficial no Exército de Salvação, condenando a Franco-Maçonaria, como segue:

"Nenhuma linguagem minha poderia ser demasiado forte para condenar a filiação de qualquer Oficial a qualquer sociedade que O exclui (Cristo) dos seus templos; e que, nas suas cerimônias religiosas, não dá, nem a Ele nem ao seu Nome, qualquer lugar... Quanto ao futuro, os modos de ver do Exército sôbre esta matéria serão dados a conhecer a todos os que desejem vir a ser Oficiais, e a aceitação dêesses modos

de ver será necessária antes de poderem os candidatos ser recebidos para preparo; e, ademais, desde já será contrária aos nossos Regulamentos a adesão de qualquer Oficial a semelhante Sociedade" ("The Menace of Freemasonry to the Christian Faith" "A Ameaça da Franco-Maçonaria à Fé Cristã", pelo Rev. C. Penney Hunt, p. 67).

Entretanto, todos os outros artigos que não os mencionados não passam da reafirmação de doutrinas errôneas datantes apenas da Reforma Protestante do século XVI.

TRADIÇÕES PROTESTANTES

Assim, a primeira repete a usual teoria protestante de que "só a Bíblia" é o guia autorizado quanto àquilo que os cristãos devem crer. A própria Bíblia não diz isto. Antes, diz o oposto. Também, assaz inconsistentemente aliás, os artigos subseqüentes da lista do Exército de Salvação contêm doutrinas em favor das quais a autoridade da Bíblia certamente não pode ser invocada.

No artigo quinto é-nos dada a doutrina calvinista da "depravação total" da natureza humana como resultado do pecado original. Mas S. Paulo escreveu dos pagãos (ou dos "não-salvos", para usar a designação deles pelo próprio Exército): "Quando Gentios que não têm a lei fazem por natureza aquilo que a lei requer, são lei por si mesmos. . . Mostram que aquilo que a lei requer está escrito nos seus corações, enquanto a sua consciência também lhes dá testemunho" (Rom 2, 14-15). E prossegue dizendo que, no último dia, quando os segredos de todos os homens forem revelados, Deus os julgará de acôrdo com a sua consciência natural. A doutrina da depravação total do homem

como resultado da Queda dos nossos primeiros pais não é autorizada por coisa alguma na Sagrada Escritura. Que nós somos filhos de uma raça humana culpada, e que todos necessitamos de redenção, isto sim; mas que a nossa natureza foi totalmente corrompida, isto não.

O sétimo artigo, atribuindo a salvação ao arrependimento, à fé em Cristo e à regeneração pelo Espírito Santo, não está errado em requerer os três elementos mencionados; mas é falso em pretender a exclusão de qualquer necessidade do Sacramento do Batismo, como o faz o Exército de Salvação. Sobre isto veremos algo, mais adiante.

O oitavo artigo, que nos diz que a justificação é pela graça mediante a fé em Cristo, reflete a negação protestante da necessidade das boas obras, ignorando a advertência de S. Tiago de que “a fé sem as obras é morta... pelas obras o homem é justificado, e não pela fé somente” (Tiago 2, 17, 24). E esse artigo ainda inculca a doutrina da “segurança de salvação” a despeito de que, sem uma especial revelação de Deus, ninguém pode ter mais do que razões para confiar em se achar em estado de graça, esperando seja este o caso. S. Paulo escreveu: “Não tenho nada contra mim, mas nem por isto estou justificado; mas quem me julga é o Senhor” (1 Cor 4, 4). Ele queria dizer que o testemunho da própria consciência não é motivo suficiente para alguém considerar a sua justificação aos olhos de Deus com absoluta certeza.

S. Paulo nunca admitiu que “estava salvo”.

O nono artigo frisa com razão que, se alguém está no favor de Deus, uma contínua obediência à vontade d'Ele é necessária se se quiser permanecer aceitável a Ele. Mas estar no favor de Deus é estar naquele estado de graça que resultará na salvação própria se

a alma tiver a feliz sorte de se achar em tal estado quando se fôr dêste mundo para Deus. Até êsse momento supremo que terminará a nossa permanência neste mundo, a advertência de S. Paulo deve ser sempre guardada em mente: "Com temor e tremor operai a vossa salvação" (Filip 2, 12). Quem ainda está trabalhando para alcançar a salvação não se pode com razão dizer que já a tenha alcançado.

O "Perfeccionismo" do décimo artigo é novamente um exagêro não autorizado pela Escritura. S. Tiago nos diz que "em muitas coisas todos nós prevaricamos" (Tgo 3, 2). S. João escreve: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos e a verdade não está em nós" (1 Jo 1, 8). E Cristo prescreveu para todos nós, sem exceção, a oração: "Perdoai-nos as nossas dívidas" (Mt 6, 12).

Contudo, se nestas matérias o ensino do Exército de Salvação não está de acôrdo com a Bíblia que êle professa seguir como a "única Regra de Fé", ainda mais séria é a omissão, no seu credo oficial, de quaisquer referências à Igreja e aos Sacramentos. Êstes últimos, aliás, num apêndice ao seu "Manual de Doutrina", são expressamente repudiados. Tomemos, porém, primeiramente a questão da Igreja.

INDIVIDUALISMO RELIGIOSO

Vimos como, aos quinze anos de idade, o General Booth teve uma experiência intensamente pessoal e individual de conversão religiosa; e como, desde êsse momento, o jovem auxiliar de penhorista começou o seu fervoroso apostolado de evangelismo. Êle não sentiu necessidade de qualquer preparação intelectual para o seu ministério, mediante um prolongado curso de estudos. Embora tivesse sido batizado como An-

glicano, sentiu-se mais à vontade na atmosfera “revivalista” do Metodismo, e nos principais ensinamentos metodistas adotados.

Mas ele era, antes de tudo o mais, um individualista, e principiou a converter e a edificar indivíduos, procurando trazer às vidas deles uma experiência religiosa inteiramente subjetiva, semelhante à sua. Incapaz de se conformar às regras e regulamentos a ele impostos por outros, experimentou uma seita após outra, e finalmente rompeu com todas, para se tornar um pregador independente e livre. A sua mensagem era uma mensagem de religião quase inteiramente egocêntrica, a qual achava expressão no canto entusiástico de estribilhos tais como:

“Oh, isso será glória para mim,
Glória para mim, glória para mim;
Quando por sua graça eu olhar na sua Face,
Isso será glória, será glória pra mim”.

Da Igreja como fundada por Cristo sobre os Apóstolos, munida da sua autoridade divina, e existindo através de todas as idades subsequentes, disto Booth pareceu completamente despercebido. Nenhuma referência à Igreja no Novo Testamento parece ter-lhe jamais ferido os olhos. E ele não tinha senso de história. A influência da Igreja através dos séculos, sequer na feitura do Cristianismo, nunca lhe entrou na mente.

O seu “Manual de Doutrina” não contém ataque à Igreja. A palavra “Igreja” nem sequer é mencionada nas suas páginas. E’ completamente ignorada. A página 13 é-nos dada apenas a meia verdade de que “a revelação de Jesus Cristo relacionava-se principalmente com o Reino de Deus, ou fôsse o reinado de Deus nos corações e vidas humanas”.

A verdade plena é que Cristo estabeleceu um Reino de Deus visível neste mundo, ao qual chamou a sua "Igreja". Verdadeiramente, Deus devia reinar nos corações e nas vidas dos seus membros; mas foi vontade expressa de Cristo que todos aquêles em cujos corações e vidas Deus reinasse se tornassem membros da sua Igreja visível.

NECESSIDADE DE ORGANIZAÇÃO

O Barão Von Hugel, no seu grande livro "The Mystical Element of Religion" "O Elemento Místico da Religião", estabelece como um princípio que a verdadeira religião deve ter três elementos harmoniosamente fundidos: o elemento místico da experiência religiosa pessoal; o elemento intelectual da verdade doutrinária, para a mente; e o elemento institucional de Igreja, Sacramentos e Culto incorporados. Esta conclusão baseia-se não só em fundamentos bíblicos, mas também nas necessidades psicológicas de homens cuja religião, se eles devem praticá-la, deve ser adaptada à natureza de que eles foram dotados.

O próprio General Booth não poderia fugir a esta tríplice exigência. Em aditamento à sua campanha pela conversão pessoal e por uma religião individual do espírito, logo êle achou necessário prescrever um conjunto de doutrinas a serem cridas, de cerimônias a serem observadas, e uma organização autoritária à qual os convertidos deviam ser incorporados e à qual deviam prestar leal obediência.

Não sonhando com a possibilidade de haver o próprio Cristo provido a essas necessidades, êle tomou a seu cargo prescrever um credo, um ministério de Oficiais, formas religiosas e cerimônias, e um sistema de governo. Esta provisão de um substitutivo de

feitura humana para a Igreja era inteiramente contrária ao Cristianismo do Novo Testamento.

No seu credo, como vimos, êle incorporava os ensinamentos usuais do Protestantismo evangélico. Quanto à sua criação de uma nova organização religiosa, para justificá-la Catarina Booth escreveu: "Êle está apenas fornecendo maquinaria por meio da qual o Espírito de Cristo possa operar... Devemos ter formas e métodos, e os mais inteligentemente planejados e os mais sábiamente adaptados para serem ôtimamente sucedidos. Ação aventureira, caprichosa, desorganizada, inafiançável fracassa em tôda parte, por melhor que seja a causa em que ela esteja empenhada" ("Catherine Booth", Booth-Tucker, vol. II, p. 348).

E' para admirar que os Booths não tenham suspeitado que o próprio Cristo teve a sabedoria de fornecer "maquinaria" por meio da qual seu Espírito pudesse operar, tomando as devidas precauções contra "ação aventureira, caprichosa, desorganizada e inafiançável"! Ainda mais de admirar é que êles não tenham examinado o Novo Testamento para se certificarem de não o haver Cristo feito, antes de tomarem por concedido que êle não o tinha feito e de passarem êles mesmos a suprir a falta de visão dêle!

O ENSINO DO NOVO TESTAMENTO

No Novo Testamento êles teriam lido as próprias palavras de Cristo a S. Pedro: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 16-18). E teriam notado como imediatamente Cristo passou a identificar o Reino de Deus com essa Igreja, dizendo: "E dar-te-ei as chaves do Reino do Céu. E tudo quanto ligares na terra será ligado também no Céu".

O Novo Testamento pinta sem dúvida a Igreja não como uma organização meramente humana desenvolvida pelo gênio dos homens, mas como de origem divina, instituída pelo próprio Jesus. E haveremos de dizer que, a despeito da sua predição de que as portas do inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja, infelizmente as forças do mal prevaleceram contra ela? Haveremos de dizer que, em 1878, William e Catherine Booth tiveram de reconstituí-la para Ele, de O prover de "maquinaria" por meio da qual o seu Espírito pudesse operar? Sem embargo, os membros do Exército de Salvação têm de fazer um ato de fé divina sôbre isso.

Nas "Cerimônias do Exército de Salvação", no "Juramento dos Soldados", o Oficial deve lembrar aos candidatos que eles assinaram os "Artigos de Guerra", dessarte declarando "crerem que Deus suscitou o Exército, e estarem convencidos da verdade do ensino do Exército". Declarar que a Bíblia é a única regra de fé, e depois exigir a crença de que "Deus suscitou o Exército", coisa que certamente não é uma verdade a ser achada em parte alguma na Bíblia, isto é uma contradição evidente por si mesma; enquanto que uma fé inabalável no "ensino do Exército" só seria justificável se o Exército fôsse dotado de uma infalibilidade que é considerada como uma das impossíveis pretensões peculiares à Igreja Católica!

Por pouco que pareçam ter percebido para onde tendiam, os Booths acabaram por estabelecer uma nova sociedade religiosa que proclamava, implicitamente ao menos, possuir autoridade e infalibilidade divinas, sendo a vontade do Exército a vontade de Deus, e o seu ensino a verdade indiscutível a ser promulgada em nome de Deus. Da incumbência a eles dada por

Deus para fazerem isso êles nunca puderam, nem mesmo tentaram, produzir evidência qualquer.

Que o Exército tem produzido muitos exemplos esplêndidos de santidade pessoal e de devotamento quer à Pessoa de Cristo quer à causa da humanidade, isto ninguém poderia negar. Mas êle é uma negação da Igreja estabelecida pelo próprio Cristo, Igreja posta insistentemente diante de nós nas páginas do Novo Testamento, e funcionando através de 2.000 anos de história humana. Quando tudo está dito e feito, o Exército de Salvação é uma digressão do Metodismo, datando de 1868, sob o nome de "A Missão Cristã", e de 1878 sob o seu título atual. O próprio Metodismo foi uma digressão do Anglicanismo em 1738. O Anglicanismo, por sua vez, foi uma digressão da Igreja Católica em 1534, sob imposição de Henrique VIII da Inglaterra, por egoísmo e por motivos não-cristãos dos quais o menos dizia o melhor. Afóra tudo o mais, a história é a justificação dos 453.000.000 de pessoas ainda pertencentes à Igreja Católica que Henrique então abandonou.

A bondade de tantos membros do Exército de Salvação não é necessariamente uma indicação da verdade dêste como religião. As pessoas podem ter uma religião errada e no entanto viver boas vidas, como também podem ter a religião certa e viver más vidas. Obviamente, os que têm a religião certa embora vivendo más vidas deveriam reformar a sua conduta e começar a servir a Deus como sabem que o deveriam. Por outro lado, os que têm a religião errada, quer vivam boas quer vivam más vidas deveriam conseguir a religião certa e levar vidas melhores. E a religião certa deve ser achada nessa Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica que o próprio Cristo fundou e deixou como sua perpétua representante neste mundo.

REJEIÇÃO DOS SACRAMENTOS

Além da sua atitude para com a Igreja, a completa rejeição dos Sacramentos pelo General Booth é, se possível, um fenômeno ainda mais surpreendente.

Por alguns anos, na "Missão Cristã" que fundara em Londres em 1868, ele continuou a seguir a tradição protestante dos dois Sacramentos, com a interpretação meramente simbólica deles, continuando a batizar crianças e tendo também a "Ceia do Senhor" administrada mensalmente. Contudo, muitos recrutas adultos nunca tinham sido batizados, e ele não exigiu que eles recebessem o batismo.

Por volta de 1878, quando fundou o Exército de Salvação, ele viera a crer que os Sacramentos não somente eram não-vitais, mas constituíam mesmo um equívoco. Na melhor das hipóteses considerava-os meros símbolos de verdade espiritual; e, na pior, considerava-os um obstáculo à experiência religiosa que — no seu pensar — eles eram destinados a simbolizar. Queria pregar a "conversão", a única coisa que acreditava essencial. Chamava a esta a "substância" antes que a "sombra", e por isto, no seu "Ato de Fundação" para o Exército de Salvação, aboliu totalmente os Sacramentos.

Não se pode deixar de considerar a decisão dele nesta matéria como de uma presunção pasmosa. Ele não era homem bem educado. Carecia de erudição, quer em história quer em filosofia, quer em teologia, quer em interpretação escriturária. Todavia, julgava-se preparado para lançar o seu juízo, nesta matéria, contra os ensinamentos de todos os Padres e teólogos, e contra o testemunho combinado da Igreja Cristã durante dezenove séculos, sobre a necessidade da

vida sacramental na religião dada à humanidade pelo próprio Cristo.

Cristo adaptou a sua religião à natureza do homem; e o homem não é um espírito desencarnado. E' feito de alma e corpo, de espírito e carne. Uma religião que atendesse só ao espírito e desconsiderasse o aspecto material do homem seria inteiramente inadequada. A religião cristã começa, pois, por um primeiro "Grande Sacramento", a Encarnação em que o próprio Deus, puramente espiritual na sua Natureza Divina, se deu à humanidade no nível da própria humanidade, na forma material exterior da natureza humana, nascido da Virgem Maria. Durante a sua vida neste mundo Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, fundou uma Igreja "sacramental", uma organização visível, cuja perpetuidade Ele garantiu, e cuja alma seria o Espírito Santo, o Espírito de Verdade e o Espírito de Santificação. Como parte da própria natureza da sua Igreja, Cristo instituiu os Sacramentos, ritos externos efetuidores daquilo que eles simbolizam, unindo firmemente os indivíduos dentro da Igreja como o Corpo Místico de Cristo e o Reino de Deus na terra, drenando para eles os merecimentos do Sacrifício expiatório no Calvário e as graças necessárias para viverem uma vida verdadeiramente cristã.

Ninguém pode encarecer demasiado a necessidade de uma religião pessoal intensamente fervorosa, e a prática das virtudes cristãs; mas ignorar os Sacramentos é faltar a um essencialíssimo elemento do Cristianismo histórico.

ATITUDE PARA COM O BATISMO

No tocante ao Batismo, o General Booth herdara, e irrefletidamente aceitara, a doutrina metodista de que o "Novo Nascimento" consistia na "experiência

de conversão". Por isto, via o Sacramento do Batismo não como efetuando regeneração, mas simplesmente como símbolo de uma experiência interior de conversão já ocorrida independentemente do rito batismal.

Mas Cristo disse expressamente a Nicodemos, e da forma mais solene, por Ele reservada aos seus pronunciamentos mais importantes: "Na verdade, na verdade eu te digo, se alguém não renascer da água e do Espírito Santo, não entrará no Reino de Deus" (Jo 3, 5). O novo nascimento era, é claro, interior e espiritual, efetuado pela graça divina; mas é óbvia a alusão ao batismo de água de João Batista, batismo que Cristo tornou o seu próprio, anexando-lhe o dom do Espírito Santo para a renovação interior das almas. Assim Cristo elevou o batismo de água ao seu pleno significado sacramental na religião cristã. Essa passagem constitui a promulgação de um rito de universal, perpétua e necessária observância.

Mas o General Booth assim não quis que fôsse. Citando as palavras de João Batista: "Eu de fato vos batizo em água... mas Aquêles que virá após mim batizar-vos-á no Espírito Santo e no fogo" (Mt 3, 11), êle argumentava que o batismo de espírito é mais importante do que o batismo de água. Mas o contraste pretendido pelos Evangelhos é o existente entre o batismo de água de João e o batismo de água verdadeiramente sacramental ao qual, por sua vontade, Cristo anexara o conferimento do Espírito Santo.

Para fugir a qualquer forma de batismo de água, o General Booth chegou mesmo a declarar que a palavra "água" em João 3, 5, tinha mero sentido figurativo e absolutamente não queria dizer água real! Mas não pode haver lugar para dúvida de que, quando, como nos é dito em João 4, 1, os Fariseus ouviram dizer que Jesus estava fazendo mais discípulos do

que João e batizando mais, o rito externo de batizar com água real é que lhes fôra referido. E só neste sentido é que é legítimo interpretar tanto a afirmação de Nosso Senhor: "Quem crer e fôr batizado será salvo" (Mc 16, 16), como a sua grande ordem final: "Indo, pois, ensinaí tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28, 19).

A história da prática do batismo na Igreja desde Pentecostes até hoje manifesta uma insistência imperativa sôbre o batismo de água como meio para a salvação. Não era de água real, em vez de água "figurada", que o Eunuco falava quando dizia a Filipe à margem do Jordão: "Vê, eis aqui a água; que é que me impede de ser batizado?" (At 8, 36). Daqueles que já haviam recebido aquilo a que o General Booth chamaria "batismo de espírito" foi que S. Pedro, insistindo também no batismo de água, disse: "Pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados êstes que receberam o Espírito Santo tanto como nós?" (At 10, 47). A Tito S. Paulo escreveu que nós somos salvos "pelo lavacro de regeneração e pela renovação pelo Espírito Santo" (Tito 3, 5).

A despeito de tudo isto, o General Booth encarregou-se de repudiar o Sacramento do Batismo, assegurando aos seus sectários que era bastante êles se lembrarem, durante as suas abluções diárias comuns, de que sômente por meio do Sangue de Cristo, por amor dêles derramado no Calvário, é que êles eram purificados. Contudo, mesmo assim êle não pôde fugir à necessidade de um rito externo qualquer. Por isto, instituiu cerimônias suas, indicando, para a consagração das crianças, que um Oficial, de pé sob a "Bandeira de Sangue e Fogo" do Exército de Salvação, tomasse a criança nos braços e orasse: "Amável Pai Celestial, tomai esta criança... (nome dela) pa-

ra que seja tua". Para os adultos, a "Cerimônia do Juramento para Soldados" devia ser suficiente.

A abolição do rito batismal como instituído por Cristo, e a substituição dêle por êsses ritos alternativos de autoria do General Booth são completamente sem autoridade, e pressupõem da parte dos que aceitam a decisão dêle uma fé no General que é verdadeiramente assombrosa.

NENHUM RITO EUCARÍSTICO

Semelhantermente, e de todo graciosamente, o General Booth declarou que a "Ceia do Senhor" nunca foi ideada por Cristo para ser um rito permanente, universalmente observado. Por isto rejeitou completamente o Sacramento da Eucaristia, dizendo que não havia necessidade de nenhuma cerimônia especial dessa natureza, e que para os Soldados era o bastante, a cada refeição, se lembrarem de que o Corpo de Cristo foi dado e o seu Sangue derramado pela redenção dêles. Tudo o de que se precisava era de manter união espiritual com Cristo e reconhecer que Êle era a fonte para cada necessidade dêles.

Mas o fato é que Cristo disse precisamente do rito especial que êle instituiu na Última Ceia: "Fazei isto em memória de mim" (Lc 22, 19). Não disse: "Sempre que fizerdes as vossas refeições ordinárias, a comida será meu Corpo"! S. Paulo também nos diz, falando justamente do rito eucarístico: "Tôdas as vês que comerdes êste pão e beberdes o cálice, anunciareis a morte do Senhor até que Êle venha" (1 Cor 11, 26). Claramente êle entendia que o rito devia ser continuado até o fim dos tempos. Mas o General Booth sabia mais, e declarou-o totalmente desnecessário. Como eu disse, a gente só pode é ficar pasmada da as-

sombrosa presunção dêle; e, deve-se acrescentar, da crédula aceitação dessa decisão por parte dos seus sectários.

E' possível ter zêlo sem conhecimento. Pessoas com propensão religiosa podem experimentar profundas aspirações emotivas e morais e ter os mais altos ideais espirituais, e no entanto ter padrões de crença que uma inteligência adestrada reconhece como um disfarce da Verdade revelada contida na Sagrada Escritura. Todavia Cristo, além de ser a Vida, é também a Verdade e o Caminho; e Êle quer que tenhamos a Verdade plena que veio ensinar-nos, e todos os meios de graça que veio pôr à nossa disposição. O Exército de Salvação não prega o Evangelho pleno; e até mesmo os elementos da Verdade que êle ensina são misturados com os infelizes equívocos do General Booth.

Ô PROGRESSO DO "EXÉRCITO DE SALVAÇÃO"

Mercê do gênio e energia de William e Catherine Booth, o Exército de Salvação rapidamente se tornou um movimento internacional a um tempo profundamente evangelístico e praticamente relacionado com as necessidades físicas e sociais da humanidade em toda parte.

Os Booths tornaram-se viajores infatigáveis, a despeito da sua crescente prole. Fundações foram feitas nos E.U.A. em 1880, na Austrália em 1881, e também no continente europeu, em muitas terras cristãs, na Índia, na África e em muitos outros campos de missão. Hoje o Exército trabalha em mais de 100 territórios diferentes, pregando a sua mensagem em outras tantas línguas diferentes, enquanto dispõe de uns 28.000 Oficiais adestrados, juntamente com mais de 5.000.000 de adeptos no mundo inteiro.

Não tem faltado quem tenha predito que o Exército de Salvação não pode sobreviver como denominação religiosa, e que o seu escopo como organização de serviço puramente social será grandemente cerceado.

Porquanto o Exército está entregue aos mesmos artigos de crença evangélicos e fundamentalistas a êle impostos desde o começo pelo General Booth. Desnecessário é dizer que o mundo crescentemente secularizado acha tais ensinamentos cada vez mais inaceitáveis. Porém, mesmo entre os não-católicos que ainda crêem na religião cristã, uma estimativa mais profunda e mais imparcial da história está intensificando a convicção de que a Reforma Protestante, resultando na multiplicação de seitas antagônicas, constituiu um equívoco desastroso; ao passo que ulterior estudo da Sagrada Escritura confirma a visão religiosa católica de preferência a qualquer outra; tanto que há uma tendência crescente para reintroduzir doutrinas e formas de culto religioso que erradamente foram alijadas no século XVI.

O escopo de obra social em favor dos deserdados também vai-se tornando mais limitado, com a emergência do "Bem-estar Social" Estatal. Sem dúvida, nunca virá um tempo em que absolutamente não haja lugar para atividades organizadas dessa natureza; mas estas não terão o mesmo sentido de urgência, nem reclamarão tanto tempo e esforço. O Exército de Salvação terá que contar com o seu objetivo puramente religioso, para sobrevivência como denominação distinta. E aqui reside a sua fraqueza.

Magnífico como tem sido o zelo dos Salvacionistas por tôdas as boas obras, novamente deve ser dito que não tem sido um zelo acorde com o saber; e, com o correr do tempo, à medida que o saber aumentar, o Exército está fadado a decrescer em números e em

influência, tomando o seu lugar eventualmente como um fenômeno religioso pertencente à história pretérita da humanidade.

CONCLUSÃO

Que Deus tem outorgado muitas graças aos membros do Exército de Salvação em vista da sinceridade deles, e tem abençoado abundantemente o seu trabalho por muitos modos, ninguém deseja negar. Mas isto não é razão para indiferença quanto à verdadeira natureza da Igreja como estabelecida por Cristo, nem evidência de não ser importante pertencer a essa Igreja.

Escritura, história e razão mais do que justificam as pretensões da Igreja Católica a ser essa Igreja — a ser a fonte normal da verdade e da santidade; e na Igreja Católica, pudessem eles enxergá-lo, é que os Salvacionistas distinguirão o real significado de tudo o que desde muito desejaram e amaram. No seio dessa Igreja eles se achariam muitíssimo mais à vontade do que jamais imaginaram poder achar-se.

Juntamente com os católicos, eles já crêem na inconcussa verdade da Bíblia, na realidade de Deus, na doutrina da SS. Trindade, na Divindade de Cristo, no infeliz legado do pecado e na necessidade de redenção dêste para o homem.

Já crêem naquelas verdades eternas que revestem a vida humana de tamanho significado e responsabilidade, a imortalidade da alma, a ressurreição da carne e o juízo final de todo o gênero humano com os seus eternos vereditos de felicidade para os que amaram e serviram a Deus, e de miséria para os perdidos.

Já estão acostumados à idéia de ensinamentos autoritários, tendo sido até agora escolha sua o aceitarem os ensinamentos humanamente ideados pelo Exér-

cito de Salvação de preferência aos da Igreja Católica, a qual Cristo incumbiu de ensinar tôdas as nações em seu nome e com a sua autoridade.

As leis disciplinares da Igreja Católica não pesariam muito sôbre homens cujo espírito de obediência foi longamente fomentado pela leal aceitação das "Ordens e Regulamentos" do Exército; enquanto que as normas de virtude cristã pessoal, e de devotamento a obras de caridade, inculcadas pelo Catolicismo, seriam de sumo recurso para êles.

Mas, no final, tudo é questão de fazer a vontade de Deus, por ser a sua vontade; de se dar conta de que a aceitação de Deus envolve aceitação também da Igreja Católica como sendo a única Igreja verdadeira que êle estabeleceu; de prestar culto a Deus pela forma como êle ordenou, por meio do Sacrifício da Missa; de ser purificado pelo Precioso Sangue de Cristo e de ser santificado pelo Espírito Santo numa recepção amante e fervorosa dos Sacramentos para êsses fins instituídos e tão bem adaptados às necessidades humanas.

A fé é necessária para a compreensão destas verdades; e a oração é necessária para obter de Deus tal dom. Mas aquêlê que recebe o dom sabe, clara, inequívoca e irrevogavelmente, que chegou ao verdadeiro lar espiritual que Deus pretendeu fôsse o seu pela duração da sua peregrinação neste mundo, e no qual êle pode preparar-se melhor para um destino de felicidade celeste na eternidade.

CERTEZA EM RELIGIÃO

"Eu desejaria poder ter algumas convicções reais na minha vida religiosa. Creio em Deus, e creio que Cristo é verdadeiramente o Filho de Deus, porém, afora isto, tudo, no que concerne à religião, é incerto e vago. Como posso eu conhecer como certo que o que as igrejas me dizem é realmente o que Cristo disse? Uma igreja diz-me isto e outra diz-me aquilo. Como em nome de Deus pode um homem realmente saber o que Cristo quer dêle?" Em substância isto representa o estado mental religioso de muitos homens hoje em dia. Como posso eu ter por certo o que Cristo disse, o que Cristo pretendeu, o que eu devo crer e o que devo fazer para me salvar? Estas são questões vitais, questões que todo homem tem o direito de formular, questões para as quais toda igreja que pretenda ser a Igreja de Cristo deve ter uma resposta precisa e convincente. Qual é a resposta da Igreja Católica a questões como estas?

Para começar, tenhamos em mente que Cristo desceu do céu para nos ensinar a Verdade. Disse êle: "Foi para isto que eu nasci, e foi para isto que vim ao mundo, para dar testemunho da verdade" (Jo 18, 37). As verdades que Cristo veio ensinar-nos foram expostas por Nosso Senhor não como tantas teorias que por aí há, mas como realidades absolutas; não como produções poéticas brotadas da mente humana, porém como as revelações reais de um Deus onisciente, omni-

verídico; e, como tais, essas verdades impõem aos homens a obrigação de aceitá-las e de crer nelas. “Quem não crer”, disse Nosso Senhor, “será condenado” (Mc 16, 16; cf. Jo 3, 18). Cristo foi inflexível nos seus ensinamentos doutriniais; não tolerou assentimentos hesitantes ou tibios; em certa ocasião deixou que um bom número de discípulos o abandonassem por acharem duras de suportar as suas palavras e não quererem concordar com elas (cf. Jo 6, 61).

No tocante à verdade da sua doutrina, Cristo não somente não favoreceu meias-medidas, por parte dos que queriam ser seus discípulos, porém, mais do que isto, certamente olhou para a frente, para o futuro, e considerou seu ensinamento religioso como um fato e fator permanente na vida do gênero humano. “O céu e a terra passarão”, disse êle, “mas as minhas palavras não passarão” (Mt 24, 35). A Cristo incumbia, pois, proporcionar um meio pelo qual os seus ensinamentos fôssem transmitidos na sua integridade a todos os homens até que o tempo imergisse na eternidade. Isto Nosso Senhor o fez de maneira mui definida quando, pouco antes da sua Ascensão ao céu, fundou a sua Igreja e deu a essa Igreja uma missão permanente, ordenando-lhe ir pelo mundo todo para ensinar em seu nome e com a sua autoridade infalível. Disse êle: “Todo poder me foi dado no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar tudo quanto eu vos mandei; e eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28, 18). Todo o poder, tôdas as nações, tudo quanto, todos os dias! E, de outra vez: “Recebereis a virtude do Espírito Santo que virá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em tôda a Judéia e Samaria, e até os últimos confins

da terra" (At 1, 8). "Rogarei ao Pai e êle vos dará outro Paráclito para ficar convosco eternamente, o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber" (Jo 14, 16).

A verdadeira Igreja é e deve ser sempre, na expressão de S. Paulo, "a coluna e fundamento da verdade" (1 Tim 3, 15). Uma Igreja que não me pode dar certeza religiosa não é, seguramente, igreja para mim. Nenhuma igreja falível pode ser a igreja de Cristo infalível. Afirmar que o Espírito de Verdade está com cada igreja colidente, e que Deus ensina doutrinas contrárias e credos irreconciliáveis, não é isento de blasfêmia. Pelos próprios termos da sua instituição, a Igreja de Cristo deve ser uma Igreja infalível. "Quem vos escuta a mim escuta" (Lc 10, 16).

Ora, qual Igreja é infalível? Fazer esta pergunta é respondê-la. Somente uma Igreja declara ser infalível; somente uma Igreja sustenta ensinar aos homens a verdade de Cristo na sua inteireza e sem possibilidade de erro. Somente uma Igreja é infalível, e essa Igreja é a descendente linear e a continuação histórica da Igreja descrita nas páginas do Novo Testamento, e, como a primitiva Igreja fundada pelo próprio Salvador, é presidida por Pedro, e é com igual espírito "que continua firmemente o ensino dos Apóstolos" (At 2, 42).

Hoje, e cada dia nos mil e novecentos anos passados, essa única Igreja infalível tem articulado os ensinamentos do único Cristo infalível; êsse Corpo Místico de Jesus tem pregado a filhos dos homens a verdade salvadora do Filho de Deus; e, em incontáveis milhões, os homens têm prestado ouvidos a essa voz, e em humilde submissão têm vindo e têm-se reunido aos pés do Pai comum em Cristo, unidos na fé, unidos no culto, unidos na amorosa obediência ao Vigá-

rio dêsse Cristo que assim lhes fala. Tal é a Igreja da unidade cristã que atinge de um pólo a outro e que abarca o globo. Que espetáculo nas épocas idas! que espetáculo hoje! Neste momento, quinhentos milhões de almas humanas unidas e professando em uníssono a mesma fé, participando dos mesmos sacramentos, oferecendo o mesmo santo Sacrifício da Missa, submissas à mesma autoridade suprema, mostrando ao mundo aquela unidade que Cristo pretendeu ser um sinal da sua verdadeira Igreja! "Pai santo", rogou Jesus na noite antes de morrer, "Pai santo, guarda em teu nome aquêles que me deste, para que êles sejam um como nós somos um. . . Não rogo só por êles, mas também por aquêles que pela palavra dêles crerem em mim, para que todos sejam um, Pai, em mim e eu em ti; que êles sejam também um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste " (Jo 17, 11).

P. Ricardo Félix, O.S.B.

I N D I C E

O Exército de Salvação	5
William Booth	5
Evangelista metodista	7
Fundação do "Exército de Salvação"	9
Condições de associação	10
Caráter de William Booth	12
Obediência absoluta	14
Zêlo religioso	16
Reavivamento ardente	17
Os serviços sociais do Exército	19
O credo do Exército	21
Autoridade docente infalível	23
Doutrinas ortodoxas	25
Tradições protestantes	26
Individualismo religioso	28
Necessidade de organização	30
O ensino do Novo Testamento	31
Rejeição dos Sacramentos	34
Atitude para com o Batismo	35
Nenhum rito eucarístico	38
O progresso do "Exército de Salvação"	39
Conclusão	41
Certeza em religião	43